

DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL
2020-2023

**PILAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA:
*ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO***

PALMEIRA, Douglas

1. INTRODUÇÃO

Vivemos as alegrias da acolhida às Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, para o período de 2020 a 2023. São os caminhos para os nossos passos enquanto Igreja de Cristo nos próximos anos. Elas se constroem à imagem da Casa; é uma proposta renovadora e desafiadora, que nasce da exigência de uma conversão pastoral que é fruto da conversão pessoal.

O desejo é que nossas paróquias, enquanto Comunidade de comunidades, possam ser como uma casa, não na estrutura, mas no jeito de ser, numa postura que remeta à ideia da casa que acolhe, que é espaço de ternura e misericórdia. Uma casa que permita o ingresso e a saída, um lugar de acolhimento e envio, remetendo aos dois grandes eixos inspiradores dessas Diretrizes: **comunidade e missão**.

Essa casa é o que o Documento chama de **comunidade eclesial missionária**, com suas portas continuamente abertas para o duplo movimento permanente: entrar e sair; portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e sanar suas dores e abertas para enviar seus agentes em direção dos irmãos e irmãs (cf. Doc. 109, n. 7). E a partir desse ideal, dissertaremos acerca do quarto pilar que sustenta a comunidade: **a Ação Missionária**.

Faremos de início alguns apontamentos e, a partir deles, destrincharemos toda a temática, através da relação entre comunidade e missão, da reflexão quanto às comunidades eclesiais missionárias, fechando com algumas pistas apontadas pelo próprio Documento 109.

2. COMUNIDADE E MISSÃO

O Documento inicia recordando que Jesus Cristo, o missionário do Pai, veio anunciar a boa nova do Reino de Deus, instaurado em sua Encarnação e Páscoa (cf. Doc. 109, n. 1), em sua missão salvadora. E é por isso que a missão do Salvador se manifesta em dois verbos marcantes no Evangelho: “vinde” e “ide”. Jesus chama e envia (Mc 3,13-15), chama para estar com ele e para sair em missão. Por isso, **não se pode separar a vida em comunidade da ação missionária!** (cf. Doc. 109, n. 18).

Ao recordar que a comunidade cristã primitiva se concentrava nas casas como seu lugar característico de reunião, na ajuda mútua e no fortalecimento da vivência missionária, o Documento aponta para essa relação fundamental entre **comunidade** e **missão**. No relato de At 2,42-47, os cristãos ouviam juntos a Palavra e, por ela iluminados, se colocavam em missão (cf. Doc. 109, n. 88). E assim, perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna e na fração do pão, compreenderam que a oração dos discípulos missionários de Jesus Cristo deve ser a expressão da espiritualidade do seu seguimento (cf. Doc. 109, n. 96).

De fato, a Igreja é a comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo (cf. 1Jo 1,3-4), que compreendem que sua missão tem sua fonte e origem no próprio Deus Da Trindade Santa, transborda o amor que se manifesta na missão do Filho e do Espírito Santo, enviados do Pai (cf. Doc. 109, n. 19; 22). Por isso que o objetivo geral para a Igreja nesse quadriênio é o de “EVANGELIZAR... formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em *comunidades eclesiais missionárias...*”

Nossas comunidades, então, precisam se reconhecer e se esforçar para ser espaços fortes de encontro pessoal com Jesus Cristo; encontros que provocam uma conversão de vida que levam ao discipulado, geram comunidade e impelem a sair em missão (cf. Doc. 109, n. 12); sejam grupos de seguidores e anunciadores do Evangelho, que olham para a realidade com o olhar de discípulos missionários (cf. Doc. 109, n. 42).

Tendo em vista que a missão parte do encontro com Cristo, e que também sempre a Ele conduz, deve ser entendida como fruto de uma experiência. Não somos um clube, ou uma ONG, ou meros voluntários. Somos discípulos missionários, continuadores da missão de Jesus Cristo, dando uma resposta à incomparável graça que recebemos nas águas do Batismo (cf. Doc. 109, n. 23). A comunidade deve ser, então, a casa da “partilha de uma alegria” a indicação de um “horizonte estupendo”, que se alcança “por atração”, como dizia Bento XVI ao episcopado brasileiro, em 2007.

O modelo para a nossa vida em comunidade sempre deve ser a comunidade dos primeiros cristãos, perseverantes na escuta dos apóstolos, na comunhão fraterna, na partilha do pão, nas orações e na missão (At 2,42; 8,4). Trata-se de uma novidade sempre antiga, mas, ao mesmo tempo, tão atual, que nos permite tirar do tesouro coisas novas e velhas (Mt 13,52), a renovar o ardor de nossa vida comunitária, alcançando nossas raízes (cf. Doc. 109, n. 125).

3. COMUNIDADES ECLESIAIS MISSIONÁRIAS

As Diretrizes atuais, centradas na relação entre comunidade e missão, estão estruturadas a partir do conceito de **Comunidade Eclesial Missionária**. COMUNIDADE enquanto grupo de discípulos, ECLESIAL porque é uma parcela da Igreja e MISSIONÁRIA porque formada pelos discípulos missionários, enviados a anunciar e a testemunhar o Evangelho na cidade e para todas as pessoas.

Também apresentada a comunidade com a imagem da “casa”, “construção de Deus” (1Cor 3,9). Casa de irmãos: o lugar do acolhimento e espaço do encontro; lugar de ternura e espaço das famílias. Por isso, somos chamados a ser casa de comunhão, família de fé, unidos num mesmo batismo, cumprindo a mesma missão: continuar a missão de Jesus Cristo.

A casa, enquanto espaço familiar, foi um dos lugares privilegiados para o encontro e o diálogo de Jesus e seus seguidores com diversas pessoas. Nas casas ele curava e perdoava os pecados, partilhava a mesa com publicanos e pecadores, refletia assuntos importantes, orientava sobre o comportamento na comunidade, e sobre a importância de se ouvir a Palavra de Deus.

Assim, a comunidade eclesial missionária, como ambiente de vivência da fé e forma da presença da Igreja na sociedade, é sustentada por quatro pilares fundamentais: Palavra, Pão, Caridade e Ação Missionária (cf. Doc. 109, n. 144). E sendo essas realidades os pilares que sustentam a comunidade, entende-se que ela só se manterá em pé e firme à medida que viver com intensidade e valorizar cada uma dessas quatro dimensões.

O Documento afirma que “as pequenas comunidades eclesiais missionárias que se formam em ruas, condomínios, aglomerados, edifícios, unidades habitacionais, bairros populares, povoados, aldeias e grupos por afinidades, devem se configurar como uma verdadeira rede, em comunhão com a Igreja local” (Doc. 109, n. 84). Ou seja, a formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, oferece um referencial concreto para a conversão pastoral. Nessas comunidades, os cristãos leigos e leigas, a partir da participação na vida da Igreja, do senso de fé, dos carismas, dos ministérios e do serviço cristão à sociedade, vivem sua vocação e sua missão, em comunhão e solidariedade (cf. Doc. 109, n. 36).

As comunidades eclesiais missionárias são um ambiente propício para escutar a Palavra de Deus, viver a fraternidade, animar a oração, aprofundar processos de formação continuada da fé, e fortalecer o firme compromisso do apostolado na sociedade de hoje (cf. Doc. 109, n. 82). Elas “oferecem um ambiente humano de proximidade e confiança que favorece a partilha de experiências, a ajuda mútua e a inserção concreta nas mais variadas situações. O mais importante é que elas não estejam isoladas e os ministérios, principalmente os de coordenação, com boa formação, ajudem-nas a se manterem em comunhão com a Igreja particular” (Doc. 109, n. 34).

Enfim, as comunidades eclesiais missionárias devem ser um lugar de portas sempre abertas, numa constante indicação para a missão. Quem está dentro é chamado a sair e ir ao encontro do outro onde quer que ele esteja. Portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e dores. Portas que enviam aqueles que compreendem que todo batizado é um missionário (cf. Doc. 109, n. 141).

E por isso, necessitam de uma coordenação de cristãos leigos e leigas (com proeminência das mulheres), pessoas com senso de pertença eclesial e amor à Igreja. “Trata-se de um serviço eclesial, indispensável para a vida das pequenas comunidades, um verdadeiro ministério” (Doc. 109, n. 86).

4. PILAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA

Para tratar especificamente o quarto pilar que sustenta a Comunidade-Casa, o pilar da Ação Missionária, vale lembrar que não é possível fazer uma experiência profunda de Deus na comunidade que não leve à vida missionária. Consiste em reconhecer que todos somos missionários, que anunciamos Jesus Cristo com a palavra e, sobretudo, com a vida.

A vivência prática da missão, a ação missionária, o anúncio do Evangelho, exige a habilidade de percorrer um caminho onde somos chamados a *acolher, contemplar, discernir e iluminar* com a Palavra de Deus a complexa gama de elementos culturais, sociais, políticos e éticos que constituem a realidade à qual é enviada. (cf. Doc. 109, n. 41)

Em relação à Ação Missionária, o Papa Francisco nos interpela: “Para onde Jesus nos envia? Não há fronteiras, não há limites: envia a todos” (Exortação *Christus vivit*, n. 177). Deve ser a meta das comunidades cristãs: consolidar a mentalidade missionária e viver a missão de forma prática. (cf. Doc. 109, n. 186)

E o Documento destaca uma série de caminhos, sugestões, pistas, encaminhamentos práticos:

- Investir em Comunidade Missionárias;
- Sair de uma pastoral de manutenção e buscar uma conversão pastoral;
- Acompanhar a realidade urbana com observatórios dos ritmos das cidades, tendências e alterações;
- Desenvolver os projetos de visitas missionárias a áreas e ambientes distanciados da Igreja;
- Dinamizar ainda mais as ações *ad gentes*;
- Priorizar a missão com os jovens;
- Investir na presença nos Meios de Comunicação Social, especialmente nas redes sociais
- Valorizar como espaços missionários os hospitais, escolas e universidades, o mundo da cultura e das ciências, os presídios e outros;
- Garantir presença missionária nos espaços como hospitais, escolas, presídios;
- Priorizar a pessoa como objetivo da ação missionária, valorizar a cultura do encontro;
- Implantar e aperfeiçoar os Conselhos Missionários nas Paróquias;
- Promover as Pontifícias Obras Missionárias;
- Acolher e concretizar as prioridades e projetos do Programa Missionário Nacional;
- Olhar a Amazônia como um dom de Deus e uma responsabilidade de todos;
- Valorizar a dimensão mariana e outras formas de piedade popular na evangelização.
- Revisar o dinamismo das comunidades eclesiais missionárias, possibilitando que o anúncio de Jesus Cristo transforme pessoas, famílias, ambientes, instituições e estruturas sociais.

5. CONCLUSÃO

As Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil devem ser o ponto de referência para a organização de nossos trabalhos e encaminhamentos. Assim o estamos fazendo durante a construção do 9º Plano de Pastoral Orgânica da Arquidiocese de Campinas. Acolher, portanto, os direcionamentos da Igreja para a realidade de nossas comunidades exige de nós uma conversão pastoral, e que assumamos nosso compromisso comum, de que todo batizado é um missionário, um continuador da missão de Cristo, um comunicador do Evangelho e promotor de ações misericordiosas, que gerem vida.

Ou, como aponta o próprio Documento:

“Investir em comunidades que se autocompreendam como missionárias, em estado permanente de missão, indo além de uma pastoral de manutenção e se abrindo a uma autêntica conversão pastoral (Dap, n. 366 e 370). Novos lugares, novos horários, linguagem renovada e pastoral adequada às novas demandas da população são algumas características das respostas esperadas”. (Doc. 109, n. 189)

“No momento atual, pelo qual passam o mundo e o Brasil, a conversão pastoral se apresenta como desafio irrenunciável. Esta conversão implica a formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, nos mais variados ambientes, que sejam casas da Palavra, do Pão, da Caridade e abertas à Ação Missionária” (cf. Doc. 109, n. 33).

“A formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, oferece um referencial concreto para a conversão pastoral. Nessas comunidades, os cristãos leigos e leigas, a partir da participação na vida da Igreja, do senso de fé, dos carismas, dos ministérios e do serviço cristão à sociedade - vivem sua vocação e sua missão, em comunhão e solidariedade” (cf. Doc. 109, n. 36)

Dessa forma, voltemos nosso olhar à Mãe de Deus e nossa, e roguemos à Padroeira de nossa Igreja particular de Campinas, a Senhora da Conceição, que interceda por nossas comunidades, para que possamos levar ao cumprimento o que nos pede nossa Igreja. Ela, a Senhora Aparecida, padroeira desta Paróquia dos Campos Verdes, Mãe de todas as comunidades cristãs e Estrela da Evangelização, que esteve presente na primeira de todas as comunidades cristãs, possa interceder pelas nossas comunidades e por toda a Igreja de Cristo espalhada pelo mundo, e nos ensine a seguir Jesus Cristo como ela seguiu e amou.

Paróquia Nossa Senhora Aparecida
Jd. Campos Verdes - Hortolândia
30 de janeiro de 2020.